

## ALDEIA MARAKA'NÀ

José Urutau Guajajara e Regina de Paula

Eu vim para cá em 2004, mas em 2006, após o “Primeiro Encontro dos Tamoios: pelo resgate dos povos originários do Brasil”, realizado na Uerj, onde foi votada a proposta de assumir o espaço do antigo Museu do Índio, nós assumimos de fato e começamos a tentar criar um nome: um instituto, uma embaixada dos povos originários... Passados os jogos Pan-americanos, certo governador nos enviou um convite para uma reunião com o movimento negro e disse: “convida lá aquela aldeia Maracanã”, então, já que o próprio está nos chamando de aldeia, registrou-se, a partir desse convite, Aldeia Maraka'nà, e a coisa pegou. O livro *O Rio antes do Rio*, de Rafael Freitas da Silva, fala do povo Maracanã, da aldeia que viveu aqui.

A Aldeia Maraka'nà hoje gira em torno da Universidade Indígena Aldeia Maraka'nà. Nós vamos entrar nessa batalha para oficializar a primeira universidade indígena do Brasil. Mas nós queremos também uma Uerj indígena, uma UFF indígena, uma UFRJ indígena, uma UFRRJ indígena e assim por diante. Porque essas universidades todas têm cursos que nos interessam. Então a Universidade Indígena Aldeia Maraka'nà é um somatório de todas essas universidades que vivem por aqui, que vêm desenvolver trabalhos de pesquisa na aldeia. Hoje nós aglomeramos todas essas universidades, inclusive a Universidade do México. E nós estamos recebendo estudantes do México, Bolívia, Colômbia, Venezuela. Por isso a Universidade Indígena Aldeia Maraka'nà é um ponto de referência não só no Brasil, mas fora também.

A Aldeia Maraka'nà vem diminuir um pouco esse imenso abismo entre a educação indígena e a educação europeia. Nós temos 523 anos, e não tem uma matéria sobre temática indígena nas escolas, e a Aldeia Maraka'nà é a diminuição, o estreitamento desse imenso abismo, o tampar desse buraco.



Figura 1  
Congresso Intercultural  
de Resistência dos Povos  
Indígenas e Tradicionais do  
Maraka' nà, fotografia de  
Regina de Paula

“Em nossas línguas, a nossa pátria” é o que representa a universidade indígena que é composta de 305 povos, 274 línguas e muito mais. Hoje nós somos uma referência nacional, mas se a Aldeia Maraka’nà cai, caem 523 anos de resistência, por isso é jogado esse peso nas nossas costas, de sustentar essa resistência.

Nós não temos a posse porque vocês nos tiraram, não temos a titularidade porque vocês simplesmente não nos deram. São 523 anos de retirada, de genocídio, mas nós temos duas coisas que vocês jamais, jamais, vão nos tirar: primeiro, o poder de constranger vocês apenas por estarmos vivos. A segunda coisa é a espiritualidade, nossos espíritos primários, primevos, mais velhos, já estavam aqui muito antes do espírito de vocês vir para cá, e eles estão protegendo o nosso patrimônio, nós somos protegidos pelos nossos ancestrais, muito anteriores ao de vocês.

Se você tem medo, o que você está fazendo na Aldeia Maraka’nà?

Se Cairuré, a nossa força espiritual maior, não me proteger aqui, o que vai ser de nós todos indígenas?

O texto acima foi transcrito livremente a partir de depoimentos de José Urutau Guajajara, em entrevista realizada por Regina de Paula, em 1 de outubro de 2023, via Zoom.

Figura 2  
Congresso Intercultural  
de Resistência dos Povos  
Indígenas e Tradicionais do  
Maraka’nà, fotografia de  
Wilton Montenegro





Figura 3  
Congresso Intercultural  
de Resistência dos Povos  
Indígenas e Tradicionais do  
Maraka' nà, fotografia de  
Wilton Montenegro



**Figura 4**  
Congresso Intercultural  
de Resistência dos Povos  
Indígenas e Tradicionais do  
Maraka'ná, fotografia de  
Wilton Montenegro

**Como citar:**

GUAJAJARA, José Urutau; PAULA, Regina de. Aldeia Maraka'nà. Dossiê Coletivo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 46, p. 268-272, jul.-dez, 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.13>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.